

TRADUÇÃO

Colóquio com o Senhor de Saci Sobre Epicteto e Montaigne

Blaise Pascal

Tradução:
Jaimir Conte

Apresentação do tradutor

Jaimir Conte *

Publicado pela primeira vez em 1728², o *Colóquio com o senhor de Saci sobre Epicteto e Montaigne* não é, estritamente falando, um texto de autoria do próprio Pascal. Trata-se de uma reconstrução de um diálogo ocorrido em janeiro de 1756³ entre Pascal e o seu confessor e também diretor da abadia de Port-Royal des Champs, o Senhor de Saci⁴. A reconstrução foi realizada pelo secretário do Senhor de Saci, Nicolas Fontaine⁵, nas suas *Mémoires* redigidas em 1696. Alguns estudiosos da obra de Pascal sustentam que o texto não é o resultado estenográfico de uma conversa como disto poderia dar a impressão as *Memórias* de Fontaine, graças a quem ele foi conservado. Não se trata também da reconstituição feita de memória do diálogo. Paul-Louis Couchoud⁶ e, depois dele,

* Doutor em filosofia pela USP. E-mail: conte@usp.br

² Pelo padre Pierre Nicolas Desmolets, no quinquagésimo volume de suas *Mémoires de littérature et d'histoire*, em 1728.

³ Ou seja, dois meses apenas após a conversão religiosa de Pascal e a redação, na noite de 23 de novembro, do famoso *Memorial*.

⁴ Louis Isaac, Lemaistre de Saci (1613-1684). Eclesiástico e tradutor que adotou as opiniões dos jansenistas e se estabeleceu em Port-Royal, de cuja abadia foi diretor. Foi perseguido por causa de suas doutrinas e deixou traduções do Antigo e do Novo Testamento e da *Imitação de Cristo* (1662) – obra da literatura devocional, de autor anônimo, publicada no século XV, geralmente atribuída ao padre alemão Tomás de Kempis.

⁵ Nicolas Fontaine (1625-1709), escritor e teólogo, passou alguns anos em Port-Royal, ao lado de Pierre Nicole, Antoine Arnauld e Isaac Lemaistre de Sacy, e foi encarcerado na Bastilha com este último como jansenista, de 1664 à 1669. Sua obra *Mémoires ou histoire des Solitaires de Port-Royal* é consagrada em grande medida ao Senhor de Saci e contém o célebre *Colóquio* de Pascal a seguir traduzido.

⁶ Paul-Louis Couchoud, “*L’Entretien de Pascal avec M. de Saci a-t-il eu lieu?*” *Mercur* de France, fevereiro de 1951.

Geneviève Delassault⁷ viram neste texto fragmentos de cartas arranjadas sob a forma de conversação. Para Pierre Courcelle⁸, Fontaine teria trabalhado a partir de compilações de excertos de Epicteto, de Montaigne e de Santo Agostinho, feitos por Pascal e pelo Senhor de Sacy em vistas de um colóquio que teria efetivamente acontecido. Segundo Jean Mesnard⁹, o que Fontaine teve em mãos ao redigir suas *Mémoires*, foi um documento de um tipo extremamente divulgado, um escrito composto pelo próprio Pascal, encontrado entre os papéis do Senhor de Sacy, nas margens do qual este tinha feito suas observações. Fontaine, neste caso, teria simplesmente sintetizado os vários elementos de que dispunha.

No *Colóquio* a preocupação de Pascal é encaminhar os libertinos, para quem as leituras de Epicteto e de Montaigne estavam entre as favoritas, a uma postura mais favorável em relação à religião e mais disposta à graça da fé.

Epicteto e Montaigne representariam duas formas fundamentais da filosofia, “as duas maiores seitas do mundo”, ou seja, o estoicismo e o ceticismo.

Segundo Pascal, Epicteto soube ver a grandeza e a dignidade da natureza humana. Ele foi “um dos filósofos do mundo que melhor conheceu os deveres do homem”. Considerou que o homem é capaz de alcançar por si mesmo a virtude e a felicidade neste mundo. No entanto, esta concepção parece excessiva e conduz a um orgulho desmedido. Assim, se por um lado Epicteto estabelece o dever do homem, por outro perde de vista sua impotência. “Após ter compreendido tão bem o que se deve”, Epicteto “se perde na presunção do que se pode”.

⁷ Geneviève Delassault, *Le Maître de Sacy et son temps*, Paris, Nizet, 1957, p. 68-73.

⁸ Pierre Courcelle, *L'Entretien de Pascal et Sacy, ses sources et ses énigmes*, Paris, Vrin, 1960.

⁹ Jean Mesnard, *La Tradition pascalienne*, dans Pascal. *Œuvres Complètes*, Paris, Desclée de Brouwe, t. I, p. 248.

Ao contrário, o ceticismo de Montaigne, que fere “a soberba razão” com “suas próprias armas”, revela a impotência humana, mas perde de vista seu dever. Ele reduz o homem a um ser muito miserável, incapaz de descobrir a menor verdade, de alcançar qualquer bem. Estes pensamentos levam à indolência, à covardia e ao desespero.

Segundo Pascal, Epicteto e Montaigne apresentam “alguma conformidade com a verdadeira sabedoria”, mas as verdades que eles afirmam, a razão por si só não as pode conciliar. Segundo ele, a vaidade mesma da filosofia se manifesta, assim, na contradição destes dois diferentes sistemas filosóficos, cujos erros opostos são considerados igualmente perigosos na medida em que podem nos fazer cair nos mais diversos vícios. Convém então adotar uma concepção mais justa do homem, que leve em conta ao mesmo tempo sua grandeza e sua fraqueza, que mostre como ele pode aceder ao conhecimento, ao bem e à felicidade, ainda que a fonte disso não resida nele, mas no ser supremo. Pascal abandona, então, o plano da filosofia, que não lhe permite adotar uma solução aceitável e volta-se para a teologia. Se no plano da filosofia as verdades apresentadas por Epicteto e por Montaigne são inconciliáveis, a solução não se encontra senão, para ele, na “verdade do Evangelho”. Ele considera que a saída está, portanto, no pensamento cristão, tal como ensinado pelo Senhor de Saci, seu confessor em Port-Royal, que alcançou estas verdades graças à leitura de Santo Agostinho.

O *Colóquio com de Saci* é, pois, de grande interesse para quem quer apreender o movimento do pensamento apologético de Pascal e compreender sua gênese. A conciliação dos contrários pela passagem a uma ordem superior, a utilização dos escritos filosóficos numa perspectiva que escapa à filosofia, a escolha entre os numerosos elementos de uma tradição rica e múltipla em direção ao único essencial; em tudo isso o *Colóquio* anuncia os *Pensamentos*.

A tradução a seguir foi realizada com base na edição das *Œuvres complètes* de Pascal, estabelecida e anotada por Jacques Chevalier, da Bibliothèque de la Pléiade, Paris, 1954, p. 560-574.

Colóquio com o Senhor de Saci Sobre Epicteto e Montaigne

Blaise Pascal

Pascal veio também, naquele tempo, viver em Port-Royal des Champs. Não preciso dizer quem era este homem que não só toda a França, mas toda a Europa admirou. Seu espírito, sempre vivo, sempre ativo, era de uma grandeza, de uma elevação, de uma firmeza, de uma penetração e de uma clareza acima do que se pode crer. Não havia então nenhum especialista em matemática que não se submetesse a ele, como testemunha a famosa história da máquina de calcular, que era então o passatempo de todos os sábios. Sabe-se que ele parecia dar alma ao cobre e espírito ao bronze. Fazia com que pequenos cilindros, sob os quais estavam os dez primeiros números, substituíssem os cálculos das pessoas mais racionais, e fazia de algum modo máquinas mudas falarem, para resolver, na medida de seu funcionamento, as dificuldades sobre os números que detinham os mais sábios. E isso lhe custou tanta aplicação e esforço espiritual que, para montar essa máquina num lugar em que todo mundo a visse, e que eu vi com meus olhos, ele mesmo levou mais de três anos. Este homem admirável, sendo enfim tocado por Deus, submeteu seu espírito tão elevado ao jugo de Jesus Cristo, e seu coração tão nobre e tão grande abraçou com humildade a penitência. Ele veio a Paris entregar-se a Singlin¹, decidido a fazer tudo o que este lhe ordenasse.

Singlin acreditou, ao ver este grande gênio, que faria bem se o enviasse a Port-Royal des Champs, onde Arnauld² o

¹ Antoine Singlin (1607-1664), confessor dos religiosos da abadia de Port-Royal e a quem Pascal escolheu como orientador espiritual após sua conversão definitiva em 1654. (N.T.).

² Antoine Arnauld (1591-1674), teólogo francês, nascido em Paris, defensor dos jansenistas contra os jesuítas. Autor, dentre outras, das seguintes obras: *De la*

acompanharia na apreciação no que se refere às altas ciências, e onde de Saci lhe ensinaria a desprezá-las. Veio, pois, residir em Port-Royal. Por uma questão de polidez de Saci não pôde deixar de vê-lo, sobretudo tendo sido recomendado por Singlin; mas as luzes santas que encontrava na Bíblia e nos Padres o fizeram esperar que não ofuscaria totalmente o brilho de Pascal, que, sem dúvida, arrebatava e encantava todo mundo.

Achava, com efeito, que tudo o que este dizia era muito justo. Reconhecia com prazer a força de seu espírito e de seus raciocínios; mas nada ensinava de novo. Tudo o que Pascal lhe dizia de superior, ele já o tinha visto antes em Santo Agostinho, e, fazendo justiça a todo o mundo, dizia: “Pascal é extremamente estimável já que, não tendo lido os Padres da Igreja, ele mesmo encontrou, pela perspicácia de seu espírito, as mesmas verdades que eles haviam encontrado. Ele as considera surpreendentes, dizia, porque não as viu em nenhum lugar; mas quanto a nós, estamos acostumados a vê-las freqüentemente nos livros”. Assim este sábio eclesiástico, julgando que os antigos não tinham menos luzes que os novos, ouvia-o, e tinha muita estima por Pascal porque se encontrava em todas as coisas com Santo Agostinho.

De Saci procurava habitualmente, ao conversar com as pessoas, arranjar o assunto de suas conversas segundo aqueles com quem falava. Se ele avistava Champaigne³, por exemplo, falava com ele de pintura; se via Hamon⁴, falava-lhe sobre medicina. Se avistava o cirurgião do lugar, questionava-o sobre cirurgia. Os que cultivavam videiras ou plantas ou grãos diziam-lhe tudo o que devia ser observado. Tudo lhe servia para passar logo a Deus e

fréquent communion, 1643; *Apologie de M. Jansénius*, 1644; *Grammaire générale et raisonnée*, 1754; *La logique ou L'art de penser*, 1683. (N.T.).

³ Philippe de Champaigne (1602-1674), pintor do século XVII. Uma de suas filhas foi religiosa em Port-Royal; ele a representou em um de seus quadros. Deve-se a Champaigne vários retratos de religiosos de Port-Royal, entre os quais um retrato do Senhor de Saci (N.T.)

⁴ Jean Hamon (1618 -1687), médico e um dos solitários de Port-Royal. Deve-se a ele um grande número de epitáfios latinos conservados no necrológio da abadia de Port-Royal (N.T.).

para fazer os demais chegar a Ele. Acreditou, pois, dever colocar Pascal sob sua responsabilidade e lhe falar das leituras de filosofia com as quais mais se ocupava. Iniciou-o nestes assuntos desde as primeiras conversas que eles tiveram juntos. Pascal disse-lhe que seus livros mais habituais tinham sido os de Epicteto e de Montaigne, e fez grandes elogios a estes dois espíritos. De Saci, que sempre havia acreditado não dever ler muito estes autores, pediu a Pascal que lhe falasse deles a fundo.

“Epicteto, disse-lhe, é um dos filósofos do mundo que melhor conheceu os deveres do homem. Quer, antes de tudo, que o homem veja Deus como seu principal objeto; que esteja persuadido de que Ele governa tudo com justiça; que se submeta a Ele de boa vontade e que o siga voluntariamente em tudo, porque nada faz senão com grande sabedoria, que, assim, esta disposição acabará com todas as queixas e todos os murmúrios e preparará seu espírito para suportar serenamente todos os acontecimentos mais adversos. “Jamais diga”, exclama: “Eu perdi isto”, diga, antes, “Eu o devolvi”, Meu filho morreu; eu o devolvi. Minha mulher morreu, eu a devolvi”. Assim com os bens e com tudo o mais. “Mas aquele que me pede de volta isso é um homem malvado”, dizeis. Como? Não te parece que é justo que aquele que emprestou uma coisa a peça de volta? Enquanto ele permitir o uso, tenha cuidado como a um bem que pertence a outro, como um homem que faz uma viagem se vê numa hospedaria. Não deves, diz ele, desejar que as coisas que acontecem se realizem como o queres, mas “deves querer que elas se realizem como elas se realizam”. Lembre-se, disse ele em outro lugar, que estás aqui como um ator, e que representa um personagem de uma comédia, tal como apraz ao diretor confiá-lo a você. Se ele dá a você um personagem lacônico, represente-o lacônico; se ele dá a você um personagem importante, represente-o importante. Se ele quer que você represente um mendigo, você deverá fazê-lo com toda a simplicidade que lhe for possível; e assim com o resto. Seu dever é desempenhar bem o personagem que é confiado a você; mas escolhê-lo é tarefa de um outro. Tenha todos os dias diante de seus olhos a morte e os males

que parecem os mais insuportáveis, e você jamais pensará nada de baixo, nem desejará nada com excesso.

“Ele mostra também, de mil maneiras, o que o homem deve fazer. Quer que seja humilde, que oculte suas boas intenções, sobretudo no começo, e que as cumpra em segredo. Nada as arruína mais do que manifestá-las. Ele não se cansa de repetir que todo o estudo e o desejo do homem deve ser reconhecer a vontade de Deus e em segui-la.”

“Eis aqui, senhor, disse Pascal ao senhor de Saci, as luzes deste grande espírito que conheceu tão bem o dever do homem. Ouso dizer que ele mereceria ser adorado se tivesse conhecido também sua impotência, já que teria sido preciso ser Deus para ensinar uma e outra coisa aos homens. Assim como era terra e cinza, depois de ter compreendido muito bem o que se deve fazer, eis como se perde na presunção do que se pode. Ele disse que Deus deu ao homem os meios de cumprir todas as suas obrigações; que estes meios estão sempre em nosso poder; que é preciso buscar a felicidade nas coisas que estão em nosso poder, já que Deus as deu a nós para este fim; que é preciso ver o que há em nós de livre; que os bens, a vida, a estima não estão em nosso poder e não conduzem a Deus; mas que o espírito não pode ser forçado a crer naquilo que ele sabe ser falso, nem a vontade a amar o que ela sabe que a torna infeliz; que estes dois poderes são, portanto, livres, e que é por meio deles que podemos nos tornar perfeitos; que o homem pode por estes poderes conhecer perfeitamente Deus, amá-lo, obedecer-lhe, agradar-lhe, curar-se de todos os seus vícios, adquirir todas as virtudes, tornar-se, desta maneira, santo e companheiro de Deus. Estes princípios de uma soberba diabólica o conduzem a outros erros, como: que a alma é uma parte da substância divina; que a dor e a morte não são males; que podemos nos matar quando somos perseguidos, pois podemos crer que Deus nos chama, etc.

“Para Montaigne, senhor, de quem também quereis que vos fale, tendo nascido num Estado cristão, abraçou a religião católica, e nisto não há nada de especial. Mas como quis descobrir qual moral a razão deveria ditar à luz da fé, tomou seus princípios nesta

suposição; e assim, considerando o homem destituído de toda revelação, discorre deste modo. Coloca todas as coisas em uma dúvida universal e tão geral que esta dúvida se volta sobre si mesma, ou seja, se ele duvida e duvida ao mesmo tempo desta última suposição, sua incerteza gira sobre si mesma em um círculo perpétuo e sem repouso; opondo-se igualmente àqueles que dizem que tudo é incerto e àqueles que asseguram que nem tudo o é, porque ele não quer assegurar nada. É nesta dúvida que duvida de si e nesta ignorância que se ignora, e que ele chama sua fórmula amiga, que está a essência de sua opinião, a qual ele não pôde exprimir por meio de nenhum termo positivo. Pois, se diz que duvida, ele se trai ao assegurar pelo menos que duvida; o que, sendo formalmente contra sua intenção, ele não pôde explicar senão pela interrogação; de sorte que, não querendo dizer: “Eu não sei”, ele diz: “Que sei eu?”, interrogação esta que usa como sua divisa, colocando-a sob os pratos de uma balança, os quais, pesando as contradições, se encontram num perfeito equilíbrio: ou seja, é um pirrônico puro. Sobre este princípio versam todos os seus raciocínios e todos os seus *Ensaio*s; e é a única coisa que ele pretende estabelecer, ainda que nem sempre faça notar sua intenção. Nos *Ensaio*s ele destrói insensivelmente tudo o que é considerado entre os homens como o mais certo, não para estabelecer o contrário com uma certeza da qual somente é inimigo, mas para fazer ver unicamente que, sendo as aparências iguais de uma parte e de outra, não se sabe onde assentar sua crença.

“Neste espírito, zomba de todas as certezas. Por exemplo, combate os que pensaram estabelecer na França um grande remédio contra os processos pela grande quantidade e suposta legitimidade das leis: como se fosse possível cortar a raiz das dúvidas de onde nascem os processos, e como se houvesse diques que pudessem deter a torrente da incerteza e cativar as conjecturas! É por isso que, quando diz que valeria tanto submeter sua causa ao primeiro transeunte como a juizes munidos com este grande número de leis, não pretende que se deva mudar a ordem do

Estado, ele não tem tanta ambição; nem que sua opinião seja melhor, ele não crê em nenhuma melhor. É somente para provar a vaidade das opiniões mais aceitas; mostrando que a abolição de todas as leis diminuiria mais o número dos litígios do que esta grande quantidade que não serve senão para aumentá-los, porque as dificuldades crescem à medida que elas são avaliadas; que as obscuridades se multiplicam com os comentários, e que o meio mais seguro para entender o sentido de um discurso é o de não examiná-lo e tomá-lo pela primeira aparência; pois, assim que é analisado, toda sua clareza se dissipa. Por isso ele julga ao acaso todas as ações dos homens e os acontecimentos históricos, ora de uma maneira, ora de outra, seguindo livremente sua primeira impressão, e sem forçar seu pensamento sob as regras da razão, que não possui senão falsas medidas; contenta-se em mostrar com seu exemplo as contradições de um mesmo espírito. Neste espírito inteiramente livre, para ele é inteiramente indiferente vencer ou não nas disputas, tendo sempre, por um ou outro exemplo, um meio de fazer ver a fraqueza das opiniões; sendo levado com mais vantagem à dúvida universal que se fortifica igualmente com seu triunfo e com sua derrota.

É a partir desta postura, totalmente inconstante e indecisa em que se encontra, que combate com uma firmeza invencível os heréticos de seu tempo, naquilo que eles asseguravam que só eles conheciam o verdadeiro sentido da Bíblia; e é nesta posição ainda que ataca mais vigorosamente a impiedade horrível dos que ousam assegurar que Deus não existe.

Ele os ataca particularmente na *Apologia de Raymond Sebond*, e, achando-os voluntariamente privados de toda revelação, e abandonados à suas luzes naturais, toda fé posta de lado, ele lhes pergunta com base em que autoridade procuram julgar este Ser soberano que é infinito por sua própria definição; eles, que na verdade não conhecem nem sequer as menores coisas da natureza! Pergunta-lhes sobre quais princípios se apóiam, e pede que os mostrem. Examina todos os princípios que eles podem apresentar e analisa-os de uma maneira tão profunda, pelo talento que o faz

superior, a ponto de mostrar a vaidade de todos os espíritos que são considerados como os mais esclarecidos e firmes. Pergunta se a alma conhece alguma coisa, se ela se conhece a si mesma; se é substância ou acidente, corpo ou espírito; o que é cada uma destas coisas; se ela conhece seu próprio corpo; se sabe o que é a matéria; se ela pode discernir entre a grande quantidade de opiniões quando se produziu uma de boa; como ela pode raciocinar, se é material; e como pode estar unida a um corpo particular e sentir nele as paixões, se ela é espiritual? Quando ela começou a existir? Com o corpo, ou antes? E se ela morre com ele ou não; se ela nunca se engana, se sabe quando erra, visto que a essência do erro consiste em não conhecê-la; se nesses obscurecimentos ela não crê tão firmemente que dois mais três são seis como crê em seguida que é cinco, se os animais raciocinam, pensam, falam, e quem pode decidir o que é o tempo, o que é o espaço ou a extensão, o que é o movimento, o que é a unidade, que são todas as coisas que nos cercam e inteiramente inexplicáveis; o que é a saúde, a doença, a vida, a morte, o bem, o mal, a justiça, o pecado, de que falamos continuamente; se possuímos em nós os princípios da verdade; e se aqueles em que acreditamos, e que se chamam axiomas ou noções comuns, porque são conformes em todos os homens, são conformes à verdade essencial. E, já que não sabemos senão unicamente pela fé que um Ser inteiramente bondoso nos deu estes princípios verdadeiros criando-nos para conhecer a verdade, quem saberá sem esta luz se, sendo formados ao acaso, estes princípios não são incertos, ou se, sendo formados por um ser falso e perverso⁵, ele não os deu falsos para nós a fim de nos seduzir, mostrando com isso que Deus e a verdade são inseparáveis; e que se um é ou não é, se é certo ou incerto, o outro é necessariamente igual. Quem sabe, pois, se o senso comum, que tomamos freqüentemente como juiz do verdadeiro, possui o ser daquele que o criou? Mais ainda, quem sabe o que é a verdade, e como podemos estar certos de possuí-la sem conhecê-la? Quem sabe

⁵ Alusão à hipótese da existência de um gênio maligno formulada por Descartes, não por Montaigne (N.T.).

ainda o que é um Ser? Uma vez que é impossível defini-lo, uma vez que nada mais geral que ele existe, e que seria preciso, para explicá-lo, servir-se primeiro deste próprio termo, dizendo: “É tal ou tal coisa?” E já que não sabemos o que é a alma, o corpo, o tempo, o espaço, o movimento, a verdade, o bem, nem mesmo o Ser, nem explicar a idéia que dele formamos, como teremos certeza de que ela é a mesma em todos os homens, visto que não temos a seu respeito outra marca senão a uniformidade das conseqüências, que nem sempre é um sinal da dos princípios? Porque eles podem muito bem ser diferentes e conduzir, entretanto, às mesmas conclusões, cada qual sabendo que o verdadeiro se deduz muitas vezes do falso.

Enfim, ele examina profundamente todas as ciências; a Geometria, da qual mostra a incerteza nos axiomas e nos termos que ela não define, como extensão, movimento, etc.; e a Física de muitas maneiras, e a Medicina numa infinidade de maneiras, e a História, a Política, a Moral, a Jurisprudência e etc., de tal sorte que permanecemos convencidos de que não pensamos melhor no presente do que em algum sonho do qual somente despertamos ao morrer, e durante o qual tivéssemos tão pouco os princípios do verdadeiro quanto durante o sono natural. É por isso que ele critica de forma tão violenta e cruel a razão desprovida da fé, a ponto de duvidar se ela é razoável, e se os animais são racionais ou não, ou mais ou menos que o homem. Ele rebaixa a razão humana da superioridade que ela se atribuiu e a coloca no mesmo nível que a dos animais, sem lhe permitir sair desta posição até que seja instruída por seu próprio Criador acerca de sua posição, que ela ignora, ameaçando-a, se reclamar, colocá-la abaixo de todas, o que é tão fácil quanto o contrário; e não lhe dando poder de agir, entretanto, senão para reconhecer sua fraqueza com humildade sincera, ao invés de elevar-se por uma tola vaidade.

De Saci, acreditando viver num novo país e ouvir uma nova língua, dizia para si mesmo as palavras de Santo Agostinho: “Oh Deus de verdade! os que sabem estas sutilezas de raciocínio vos são por isso mais agradáveis?” E lastimava este filósofo que se

picava e afligia a si mesmo por todos os lados com espinhos que ele imaginava para si, como Santo Agostinho dizia de si mesmo quando estava neste estado. E após ter escutado com paciência, disse a Pascal:

Sou-lhe grato, senhor; estou seguro de que se durante muito tempo tivesse lido Montaigne, não o conheceria tanto quanto o faço depois desta conversa que acabo de ter convosco. Este homem deveria desejar que ninguém o conhecesse senão pelo relato que fazeis de seus escritos; e ele poderia dizer com Santo Agostinho; *Ibi me vides, attende*. Creio que, sem dúvida, este homem tinha espírito, mas não sei se não lhe emprestais um pouco mais do que aquele que ele tem, por este encadeamento tão justo que fazeis de seus princípios. Podeis julgar que tendo passado minha vida como o fiz, não me foi aconselhado ler este autor, cujas obras, todas, não têm nada daquilo que devemos principalmente buscar nas nossas leituras, segundo a regra de santo Agostinho, porque suas palavras não parecem proceder de um grande fundo de humildade e da piedade. Perdoar-se-ia aos filósofos de outrora, que se chamavam Acadêmicos, por colocarem tudo em dúvida. Mas que necessidade tinha Montaigne de distrair seu espírito renovando uma doutrina que é considerada agora pelos cristãos como uma loucura? Este é o juízo que santo Agostinho faz dessas pessoas. Pois se pode dizer depois dele de Montaigne... “Ele coloca de lado a fé em tudo o que ele diz; assim, nós, que temos fé, devemos igualmente colocar de lado tudo o que ele diz.” Não censuro o espírito deste autor, que é um grande dom de Deus; mas ele poderia se servir melhor dele, e fazer antes um sacrifício a Deus que ao diabo. Para que serve um bem quando é usado tão mal? *Quid proderat*, etc? diz dele mesmo este santo doutor antes de sua conversão. Podeis considerar-vos feliz, senhor, por estar colocado acima dessas pessoas chamadas de doutores e que estão mergulhadas na embriaguez da ciência, mas que têm o coração vazio da verdade. Deus difundiu em vosso coração outras doçuras e outros atrativos além daqueles que encontrais em Montaigne. Ele vos lembrou deste prazer perigoso, a *jucunditate pestifera*, diz

Santo Agostinho, que rende graças a Deus por lhe ter perdoado os pecados que tinha cometido apreciando muito estas vaidades. Santo Agostinho é muito mais digno de crédito nisso, pois passou outrora por estes sentimentos; e como dizeis sobre Montaigne que é pela dúvida universal que ele combate os heréticos de seu tempo, foi também por esta mesma dúvida dos Acadêmicos que Santo Agostinho abandonou a heresia dos maniqueus. Depois de ter-se voltado para Deus, renunciou a esta vaidade que chama sacrilégio, e fez o que ele diz de alguns outros. Reconheceu com quanta sabedoria São Paulo nos adverte para não nos deixarmos seduzir por estes discursos. Pois ele confessa que há nisso certo encanto que arrebatava. Às vezes acredita-se que as coisas são verdadeiras só porque são ditas de maneira eloqüente. São como manjares perigosos, diz ele, que se serve em belos pratos; mas estes manjares, ao invés de alimentar o estômago, esvaziam-no. Então se parecem com as pessoas que dormem, e que, dormindo, crêem comer: estes manjares imaginários os deixam tão vazios quanto estavam.

De Saci disse a Pascal várias coisas parecidas, a respeito do que Pascal lhe disse que se ele o cumprimentava por conhecer bem Montaigne e por saber interpretá-lo adequadamente, podia lhe dizer, sem com isso querer cumprimentá-lo, que conhecia bem melhor santo Agostinho, e que sabia interpretá-lo melhor ainda, embora de uma maneira pouco vantajosa em favor do pobre Montaigne. Pascal pareceu extremamente inteirado da solidez de tudo o que de Saci acabava de lhe apresentar. Entretanto, estando ainda totalmente tomado por seu autor, não pôde conter-se e lhe disse:

Confesso-vos, senhor, que não posso ver neste autor, sem alegria, a soberba razão tão invencivelmente ferida por suas próprias armas; e esta revolta tão sangrenta do homem contra o homem, a qual, da sociedade com Deus em que se elevou pelas máximas de sua fraca razão, o lança na condição dos animais; e eu teria amado de todo meu coração o autor de uma vingança tão grande, se, sendo discípulo da Igreja pela fé, tivesse seguido as

regras da moral, levando os homens, que ele tinha tão utilmente humilhado, a não provocar com novos crimes aquele que pode unicamente tirá-los deles; que ele os convenceu de não poder, contudo, conhecer.

Mas ele, ao contrário, age como um pagão. Do princípio, diz, que fora da fé tudo é incerto, e considerando quanto tempo faz que se busca a verdade e o bem sem nenhum progresso rumo à tranquilidade, ele conclui que se deve deixar este cuidado aos outros, e permanecer, entretanto, em repouso, deslizando ligeiramente sobre esses assuntos com medo de, ao apoiar-se neles, afundar; e tomar a verdade e o bem pela primeira aparência, sem apertá-los, porque são tão pouco sólidos que, por mais que se feche a mão, escapam entre os dedos e a deixam vazia. É por isso que ele segue os testemunhos dos sentidos e as noções comuns, porque seria preciso violentar-se para desmenti-los, e que não sabe se ganharia ignorando onde está a verdade. Assim, foge da dor e da morte, porque seu instinto o leva a isso, e porque não quer suportá-las pela mesma razão, mas sem concluir que sejam verdadeiros males, não confiando demasiadamente nesses movimentos naturais do temor, visto que se sente o mesmo em relação a outros prazeres, acusados de serem maus, ainda que a natureza diga o contrário. Assim, não há nada de extravagante em sua conduta; age como os outros; e tudo o que eles fazem no tolo pensamento de que seguem o verdadeiro Bem, ele o faz por um outro princípio, que é o de que sendo as aparências iguais de um e de outro lado, o exemplo e a comodidade são os contrapesos que o conduzem.

“Ele segue, portanto, os costumes de seu país porque o costume o conduz. Monta a cavalo, como alguém que não é filósofo, porque o cavalo o suporta, mas sem crer que tenha este direito, como não conclui que este animal tem, ao contrário, o direito de se servir dele. Faz também algum esforço para evitar certos vícios, e inclusive guarda fidelidade ao casamento, por causa dos sofrimentos que decorre dos desregramentos; mas se aquele que ele teria ultrapassa aquele que ele evita, permanece em repouso, a regra de sua ação sendo em tudo a comodidade e a

tranqüilidade. Ele afasta para bem longe esta virtude estóica que se pinta com um ar severo, um olhar selvagem, com cabelos eriçados, a fronte enrugada e em suor, numa postura penosa e concentrada, longe dos homens, num lúgubre silêncio e solitária no alto de uma rocha: fantasma, em sua opinião, capaz de assustar as crianças, e que apesar das aparências não faz outra coisa, com um trabalho contínuo, senão buscar o repouso, que ela nunca alcança. Sua ciência é ingênua, familiar, agradável, jovial e, por assim dizer, brincalhona; ela segue o que a encanta, e diverte-se despreocupadamente com os acontecimentos bons ou maus, deitada docemente no seio da tranqüila ociosidade, de onde mostra aos homens, que buscam a felicidade com tanto esforço, que é aí somente onde ela repousa, e que a ignorância e a incuriosidade são dois doces travesseiros para uma cabeça bem feita, como ele mesmo diz.

“Não posso vos dissimular, senhor, que lendo este autor e comparando-o com Epicteto, achei que eram seguramente os dois maiores defensores das duas seitas mais célebres do mundo, e as únicas conformes à razão, uma vez que não se pode senão seguir um destes dois caminhos, ou seja, ou que há um Deus, e então ele estabelece o soberano bem; ou que ele é incerto, e que então o verdadeiro bem também é incerto, uma vez que é ignorado.

“Tive um prazer extremo em observar nos seus diversos raciocínios que ambos chegaram a certa conformidade quanto a verdadeira sabedoria que eles tentaram conhecer. Pois, se é agradável observar na natureza o desejo que ela tem de pintar Deus em todas as suas obras, nas quais vêem-se alguns de seus caracteres, uma vez que são as suas imagens, muito mais justo é considerar nas produções dos espíritos os esforços que eles fazem para imitar a virtude essencial, mesmo que fugindo dela, e de notar quando chegam a ela e quando se extraviam, como tenho me encarregado de fazer neste estudo!

É verdade, senhor, que acabais de me fazer ver de modo admirável a pouca utilidade que os cristãos podem retirar desses estudos filosóficos. Com vossa permissão não deixarei, entretanto,

de vos dizer novamente meu pensamento, pronto, contudo, a renunciar a todas as luzes que não venham de vós, em que eu teria vantagem, ou de ter encontrado a verdade por felicidade, ou de recebê-la de vós com segurança. Parece-me que a fonte dos erros destas duas seitas é não ter compreendido que o estado do homem no presente difere daquele de sua criação; de maneira que uma, observando alguns traços de sua primitiva grandeza, e ignorando sua corrupção, tratou a natureza como sã e sem necessidade de reparação, o que a leva ao cúmulo do orgulho; ao passo que a outra, experimentando a miséria presente e ignorando a primeira dignidade, trata a natureza como necessariamente enferma e irreparável, o que a precipita na desesperança de chegar a um verdadeiro Bem, e, daí, numa extrema covardia. Assim, esses dois estados que seria preciso conhecer juntos para ver toda a verdade, sendo conhecidos separadamente conduz necessariamente a um destes dois vícios, ao orgulho ou à covardia, nos quais infalivelmente estão mergulhados todos os homens antes da graça, uma vez que, se não permanecem em desordem por inação, saem dela por vaidade, tanto é verdade o que acabais de me dizer de santo Agostinho, e que considero de uma grande importância. Pois, com efeito, rende-se homenagem a ele de muitas maneiras.

“Portanto, é destas luzes imperfeitas que decorre que um, conhecendo o dever do homem e ignorando sua impotência se perde na presunção, e que o outro, conhecendo a impotência e não o dever caia na covardia; de onde parece, já que um está certo e o outro errado que, unindo-os, formar-se-ia uma moral perfeita. Mas, ao invés desta paz, não resultaria de sua união senão uma guerra e uma destruição geral. Pois um estabelecendo a certeza e o outro a dúvida, um a grandeza do homem e o outro sua fraqueza, eles destroem a verdade bem como a falsidade um do outro. De sorte que não podem nem subsistir sozinhos por causa de seus defeitos, nem se unir por causa de suas oposições, e é deste modo que se destroem e se anulam para dar lugar à verdade do Evangelho. É ela que concilia as contradições por uma arte completamente divina. Unindo tudo o que há de verdadeiro e afastando tudo o que há de

falso, ensina uma sabedoria verdadeiramente celeste em que se harmonizam os princípios opostos, que eram incompatíveis nestas doutrinas humanas. E a razão disso é que estes sábios do mundo estabelecem os contrários num mesmo sujeito; pois um atribuiu força à natureza e o outro fraqueza a esta mesma natureza, o que não podia subsistir; ao invés disso, a fé nos ensina a colocá-las em sujeitos diferentes: tudo o que há de enfermo pertence à natureza, e tudo o que há de potente pertence à graça. Eis a união extraordinária e nova que somente Deus poderia ensinar, e que somente ele poderia fazer, e que não é mais que uma imagem e que um efeito da união inefável de duas naturezas em uma única pessoa de um Homem-Deus.

“Eu vos peço perdão, senhor, disse Pascal ao Sr. de Saci, por me conduzir deste modo, em vossa presença, à teologia ao invés de permanecer na filosofia, que era somente o meu assunto; mas ele me conduziu a ela insensivelmente; e é difícil não entrar nela, qualquer verdade que se trate, pois ela é o centro de todas as verdades; o que aparece aqui perfeitamente, posto que ela contém de maneira tão visível todas as que se encontram nestas opiniões. Assim, não vejo como um deles poderia recusar-se a segui-la. Pois se estão tomados pelo pensamento da grandeza do homem, o que eles têm imaginado que não cede às promessas do Evangelho, que não são outra coisa senão o preço justo da morte de um Deus? E se eles se comprazem em ver a enfermidade da natureza, esta idéia não iguala a da verdadeira fraqueza do pecado, da qual a própria morte constituiu o remédio. Assim, ambos encontram nela mais do que desejavam; e, o que é admirável, encontram-se unidos, eles que não podiam se aliar num plano infinitamente inferior”.

O senhor de Saci não pôde deixar de demonstrar a Pascal que estava surpreso a respeito de como ele sabia interpretar as coisas, mas confessou, ao mesmo tempo, que nem todo mundo tinha, como ele, o segredo de fazer sobre tais leituras reflexões tão sábias e tão elevadas. Disse-lhe que se parecia com estes médicos hábeis, que pela maneira de preparar os maiores venenos, sabem tirar deles os melhores remédios. Acrescentou que, embora

percebesse, pelo que acabava de lhe dizer, que estas leituras lhe foram úteis, não podia crer, contudo, que elas fossem vantajosas a muitas pessoas cujo espírito não tivesse bastante grandeza para ler estes autores e julgá-los, e para saber tirar pérolas do meio do estrume, *aurum ex stercore Tertulliani*, dizia um Padre. O que se podia bem dizer desses filósofos, cujo estrume, devido à sua negra fumaça, podia obscurecer a fé vacilante daqueles que os lessem. É por isso que ele aconselharia sempre a essas pessoas a não se exporem precipitadamente a estas leituras, sob o risco de se perderem com estes filósofos, e tornarem-se a presa dos demônios e o banquete dos vermes, segundo a linguagem da Escritura, como estes filósofos o foram.

Para a utilidade dessas leituras, disse Pascal, eu vos direi simplesmente o que penso. Encontro em Epicteto uma arte incomparável para perturbar o repouso dos que o procuram nas coisas exteriores, e para forçá-los a reconhecer que são verdadeiros escravos e cegos miseráveis; que é impossível que encontrem outra coisa senão o erro e a dor de que fogem, se não se entregam sem reserva unicamente a Deus. Montaigne é incomparável por confundir o orgulho dos que, sem a fé, vangloriam-se de uma verdadeira justiça; para desiludir os que se prendem à suas opiniões e crêem encontrar nas ciências verdades inabaláveis; e, por convencer tão bem a razão de sua pouca luz e de seus extravios, é difícil, depois disso, ser tentado a rejeitar os mistérios porque se crê encontrar neles algo que repugne; pois em Montaigne o entendimento é tão malhado que ele está bem longe de querer julgar se a encarnação ou o mistério da eucaristia são possíveis; coisa que homens vulgares são tentados muitas vezes.

Mas se Epicteto combate a indolência, conduz ao orgulho, de sorte que pode ser muito prejudicial aos que não estão persuadidos da corrupção da mais perfeita justiça que não vem da fé. E Montaigne é absolutamente pernicioso aos que têm alguma inclinação para a impiedade e para os vícios. É por isso que essas leituras devem ser feitas com muito cuidado, com discrição e respeitando a condição e os costumes daqueles a quem elas são

aconselhadas. Parece-me, contudo, que realizando-as, ao mesmo tempo, elas não poderiam fazer muito mal, pois uma se opõe ao mal da outra: não que elas possam propiciar a virtude, mas somente impedir os vícios: a alma encontra-se em luta com esses contrários, da qual uma caça o orgulho e a outra a indolência, e não pode repousar em nenhum desses vícios por estes raciocínios, nem também evitar todos.”

Foi assim que estas duas pessoas de um tão belo entendimento concordaram, enfim, a respeito da leitura destes filósofos, e se entenderam, ainda que chegassem ao mesmo ponto de uma maneira um pouco diferente. O senhor de Saci chegou a este ponto de uma só vez pela clara visão do cristianismo, e Pascal não chegou a ele senão depois de muitas voltas, atendo-se aos princípios de tais filósofos.

O senhor de Saci e toda Port-Royal des Champs estavam assim inteiramente tomados pela alegria que a conversão e a visão de Pascal causavam, e admirava-se nele a força todo-poderosa da graça que, por uma misericórdia, da qual há poucos exemplos, tinha tão profundamente humilhado este espírito tão orgulhoso de si mesmo.

* * *